

Entrevista realizada com a mãe Maria de Xangô, Axé Pantanal em Julho de 2012

Siglas:

E – Entrevistador

M – Mãe Maria

M: Eu Ialorixa herdeira do axé Efon, de Salvador e Rio de Janeiro, neta do finado Cristóvão Lopes dos Anjos, eu sou Maria José Lopes dos Anjos, Ialorixá Maria de Xangô. Nosso axé foi trazido pelos africano, né... *[sic]*, Maria Bernanda da Paixão de Salvador, na Rua Antônio Costa 16.

E nesse que houve *[sic]* vários falecimentos de querido do axé, meu avô ficou herdando a casa, aí teve mais uma divergência e ele veio para o Rio de Janeiro e trouxe o axé Oloke pra cá *[sic]*. E eu fiquei como herdeira dando continuidade, fiz santo com seis anos de idade, em 1955, e tô *[sic]* tocando essa missão que deus Orumilá me determinou. Do meu avô tenho herdado tudo, nessa casa a gente cultua o que ele deixou, com respeito, com amor, com carinho, e o que a gente faz é estar zelar pelo orixá. Por que a gente acredita, eu acredito e os que me seguem também acreditam nessa energia que é maior pra gente.

E: A senhora se lembra das datas quando vocês vieram da Bahia pra cá para o Rio, mais ou menos?

M: Meu avô... eu vim pra cá pro Rio de Janeiro com oito meses de idade, de nascida né? O meu avô veio pra qui *[sic]* em 1949, eu nasci em [19]48, eu vim com oito meses pra cá *[sic]*.

E: Sobre a vinda de vocês para o Rio de Janeiro, a senhora pode contar um pouco.

M: eu vim com meu avô com oito meses, aqui ele veio e fundou... comprou este terreno. Primeiro ele morou no Gramacho, que ele veio junto de Salvador.. na época é que veio quase todos os pais de santo antigo né? Pra cá, e aí né e aí o finado Joãozinho da Gomeia, finado Bobó, finado Seu Álvaro Pé Grande, finada Senhorazinha... [ele] veio nessa leva com eles todos para cá. Cada um se localizaram *[sic]* num lugar e meu avô pegou e comprou isso aqui, esse imóvel aqui na Rua Eça de Queiroz 17, Pantanal,

quadra 69, e aqui ele fundou o axé, mas ele continuava dando assistência na casa da Bahia, o axé da Bahia que foi pelos africanos.

E: Mãe Maria, sobre as festas anuais que ocorrem na casa, quais são?

M: Aqui nós temos assim, é... semana santa que é a primeira função que a gente inicia o ano. Aliás, minto, a primeira função da casa é no dia 06 de janeiro, que é o odú do meu santo, o odu quer dizer, o aniversário do meu santo, o dia que o santo nasceu. Depois vem a semana santa, aí sábado de aleluia a gente faz o Ogum, quando é dia primeiro [do mês seguinte] é Iroko, junho é Xangô... tudo é na última semana do mês. Agosto é Omolu, setembro a gente faz todos os santos homens: Oxossi, Ossani, todos esses santos... Outubro a gente faz as iabás, e no fim do ano, no dia 12 de dezembro a gente faz o presente e a festa dos Erês.

E: a senhora podia falar um pouco sobre os usos da casa, ocorre algum tipo de curso aqui dentro, quantas pessoas moram aqui dentro?

M: Aqui é assim: no espaço mora a Ialaxé, o meu filho que é o herdeiro da casa, mora o Axogum dentro do Axé e as funções que a gente faz aqui... hoje a gente não tá fazendo tanto [sic], mas já fizemos parte pra utopia, que é a arrumação das crianças no ultimo domingo do mês que a gente tinha reunião, e a gente tá querendo [sic], mas tá difícil de fazer, vários cursos... que é assim: o espaço é grande, mas a gente precisaria de apoio pra poder realizar o sonho de ter curso, tanto... principalmente afrodescendente: cântico, dança, comida, dessa forma que é a intenção nossa.

E: E como nasce a ideia do memorial da senhora?

M: O memorial, assim, todas as coisas do meu avô, ele sempre adorou aquele cantinho dele. Então, quando ele fez 07 anos de falecido eu falei: eu vô [sic]... ninguém usou a casa, e pra [sic] abrir a casa eu vou botar tudo que é dele ali dentro e eu pensava num museu, mas quem sou eu pra [sic] fazer um museu? Então, vão [sic] fazer um lugar, um recanto, aí um ogã da casa ele falou: “a mamãe vão botar[sic]o memorial Cristóvão Lopes do Anjos, fez a placa, tudo direitinho, aí a gente botou, cadastrou tudo direitinho, os pertences dele que tinha, e a gente bolou aquele espaço pra ficar reservado como memorial. E eu já quero fazer um outro vão pra mim [sic], viva ainda.. memória viva ainda.

E: A senhora poderia contar aquela história sobre o Iroko da casa

M: O Iroko aqui foi prantado [sic], meu avô prantou [sic] a primeira função nesse terreno aqui foi dia 1º de junho que ele chegou, em 1951, aqui e ele pegou é.... e prantou [sic] o Santo Antônio, nos rezamos treze noites de Santo Antônio aqui sem porta, sem janela, sem nada. Até porque o espaço não era esse tamanho, era a metade da casa, que hoje ainda tá [sic] no mesmo lugar, ela tem até parede de taipa no meio... E aí a gente quando trouxeram a novena de treze dias de Santo Antônio veio o 1º de maio pra gente plantar Iroko. Aí foi prantado [sic] o Iroko aqui no Axé e a gente cultua até hoje essa data, o aniversário do Iroko, desde 1951 que a gente cultua Iroko aqui no Pantanal. E assim, tudo que ele fez [o sr. Cristóvão Lopes do Anjos] prantou [sic] dendezeiro, prantou [sic] o Iroko de cima, o Iroko de baixo, faz as festas da forma que foi dirigido pelo ensinamento dele.

E: E qual é a data de fundação da casa aqui do Rio?

M: É.... aqui é 1º de maio de 1951

E: A senhora poderia conta para gente de novo a história sobre a Gomeia, com relação a lembrança que a senhora tem e a relação que a casa de vocês tinha com a Gomeia.

M: Assim, não é nem em relação a casa em si, mas a eles, porque era uma família espiritual, esses zeladores que eu citei o nome eles se unia [sic] que uma casa terminava pra outra, a extensão de uma era da outra, o que sobrava de uma ia pra outra, e o seu Joãozinho da Gomeia foi patrono pra todos que chegaram de Salvador, [por] que ele veio primeiro, se instalou bem, tinha como ajudar, e ele ajudou a todo mundo, inclusive meu avô. As casas, todo mundo, a maioria dos zeladores que chegavam de Salvador, a maioria passaram na casa do finado Joãozinho da Gomeia. Por que ele tinha um ampra [sic] lugar, com bastante gente e ele cedia espaço, pessoas pra jogar, as vezes, um zelador, um amigo tava [sic] com alguma dificuldade ele cubria [sic], vice versa, era meu avô também. Então, era uma união que hoje não existe... na nossa religião o que tá [sic] pendente é essa força de união.

E: A senhora lembra como era o barracão [da Gomeia]? Como era a casa, onde ficavam os quartos de santo?

M: A Gomeia era uma casa bonita, que tinha o Caboclo Pedra Preta que era na entrada, que eu me lembro... Eu era criança pequena, tinha... o barracão que a gente entrava, que

era a entrada principal. E os quartos de santo da Gomeia era *[sic]* no fundo e tinha a área residencial, porque ali como se.... todos da casa moravam ali: finada Chica, finado Castidei, finado Castiado, vários esses que eu me lembro... a dona Kitale Mugongo, a Kinon Dirá, finada Matuquevi.... esses pessoal tudo *[sic]*, eu era pequena mas eu me lembro que eles morava *[sic]* tudo do lado direito, a casa do seu Joãozinho da Gomeia era na frente, da casa dele.... da cozinha dele pro fundo, e dali as casas dos outro filhos de santo, cada um tinham um quartinho. E passava um rio atrás, esse rio foi que levou as pedras de tantas coisas queridas de ialorixá, com a enchente que teve em Caxias.

E: E continuava a casa do outro lado do rio, não era isso?

M: Não, o terreiro, a divisa era o fundo do rio. Que é o Rio Sarapuí que corre ali em Copacabana todo.

E: Mãe Maria agora voltando aqui ao terreiro da senhora, o espaço todo é todo da senhora?

M: Não, o espaço não é meu, é da família *[sanguínea]*, porque temos herdeiros né? Morreram já 06 e tem mais 02 vivas ainda direto *[sic]*, e tem os sobrinhos né? E os sobrinhos netos. Só que meu avô ele não... o olho, assim, a entidade, em si já tá aqui esse anos todos, mas meu avô não deixou documento nenhum de doação nenhuma e nem de nada. Essa aí é a dificuldade porque tudo as vezes *[sic]* que eu pretendo fazer alguma coisa tem duas sobrinhas que não empata... e elas moram lá em lugar nosso também e não quer fazer essa breganha *[barganha]* *[sic]*

E: Eu queria saber da senhora, já que a senhora falou do candomblé e de estar faltando união, se a senhora poderia falar mais um pouco, *[afinal]* a gente conversou muito sobre a senhora fazer uma análise do candomblé. Como a senhora vê o candomblé hoje no Rio de Janeiro?

M: Olha, eu não digo só no Rio de Janeiro, mas digo no geral, no Brasil em si, porque, pelo que eu ando, e observo assim: eu volto a repetir, a falta de união, a falta de carinho, a falta de respeito. Eu acho até que nas outras religiões também, não tá *[sic]* tendo mais aquele respeito, não tá *[sic]* tendo fé, não tá *[sic]* tendo crença.. eu acho que falta em nós aqui da Terra é um pouco mais de fé, um pouco mais de amor... respeitar seu semelhante. E dentro da religião só tá *[sic]* havendo disputa, não tá *[sic]* havendo carinho ao orixá, é o próprio ser humano... é disputa de ser humano, não de zelar pelo

orixá, porque o objetivo é zelar pelo orixá. Mas, infelizmente, não sei se é de cada um, mas se tem que respeitar a cabeça de cada um, mas eu sou totalmente contra essa falta de união.

E: Mas, voltando a questão das festas Mãe Maria, a senhora contou pra gente sobre o Olubajé, em que vocês chegam a sair na rua...

M: É, quando é o mês de agosto a gente faz misericórdia do Omolu, então a gente pede a misericórdia nas casas conhecidas. Como as casas conhecidas também vêm aqui. Então... cada um, hoje em dia... hoje em dia não vai mais a pé, antigamente era a pé. Mas hoje vai cada um de carro, cada um tem cada um tem seu carrinho e vai a vontade e leva Omolu pra *[sic]* passear. Então ele desce os 07 dias de agosto e a gente faz essa reverência a Omolu.

E: A senhora pode dizer quais são as casa que vocês geralmente vocês passam?

M: Olha, a gente vai normalmente nas casas dos próprios filhos, porque eu sou muito adepta aos próprios da casa... Mas uma casa que vem muito, que trás Omolu aqui é a Casa de Meninazinha, da casa do finado Caboclo... mas a maioria hoje tá *[sic]* até falecido, tão tudo junto comigo *[sic]*. E aí a gente faz essa troca.

E: Mãe Maria a gente queria agradecer muito pela senhora ter recebido a gente neste dia de festa [Festa de Caboclo]. Obrigado, em nome do IPHAN e em nome da equipe a gente agradece muito. A gente espera que este trabalho possa trazer resultado pra *[sic]* vocês. [Pois,] não é pra *[sic]* gente, isso é pra vocês, pro *[sic]* interesse de vocês para tombamento, registro, pra *[sic]* conservação desta cultura. E tenha certeza, essa entrevista vai ser usada nesse intuito.

M: Não, tranquilo, o meu grande intuito é tombar isso aqui. Por que? Eu não quero que isso acabe, meu avo falava que não queria que isso acabasse e eu sei que eu to *[sic]* conseguindo levar essa bandeira. Agora o meu herdeiro não sei se vai conseguir... Então, eu queria alguma estrutura para o orixá [e que] continuasse isso aqui. Porque o de Salvador a gente perdeu praticamente. Então, eu quero conservar isso aqui: esse é meu grande objetivo. E acredito que o que vocês tão *[sic]* fazendo é *[sic]* tentando ajudar. E o órgão também, eu quero agradecer essa oportunidade.